

PAPÉIS DE GÊNERO E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Larissa Ladislau Petronilho¹, Renato de Santana Cunha², Larissa Romão Pereira³

¹Psicóloga. Egressa do Curso de Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas. E-mail: larissalpetronilho@gmail.com; ²Psicólogo. Egresso do Curso de Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas. E-mail: renatocunha92@gmail.com; ³Psicóloga. Docente na Faculdade Estácio de Carapicuíba. E-mail: larissaromaopereira@hotmail.com

Introdução: A construção social dos papéis de gênero tem implicações diretas na constituição subjetiva das mulheres, afetando sua saúde psíquica. A cultura patriarcal naturaliza a autonegação feminina, atribuindo valor à mulher pela abnegação, cuidado e conformidade. Nesse contexto, dispositivos simbólicos como o amor romântico e a maternidade operam como mecanismos de controle, dificultando a escuta dos desejos próprios. **Objetivo:** Analisar como a introjeção de papéis sociais de gênero contribui para o adoecimento psíquico de mulheres, com base na abordagem da Gestalt-terapia, articulada aos estudos de gênero e à psicologia clínica fenomenológico-existencial. **Material e Método:** Foi realizada uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com base em produções acadêmicas da psicologia clínica, da Gestalt-terapia e da teoria feminista. Foram utilizadas como principais referências teóricas autoras como Marina Zanello, Lisa Firestone e Joan Scott, além de manuais e artigos da Gestalt-terapia sobre mecanismos de contato, especialmente a introjeção. **Resultados e Discussão:** As principais queixas apresentadas por mulheres em contexto psicoterapêutico — como exaustão, ansiedade, culpa, baixa autoestima e dificuldades relacionais — não podem ser compreendidas de forma isolada, mas como sintomas de subjetividades moldadas por normativas de gênero. A introjeção, enquanto mecanismo de contato, favorece a assimilação de discursos sobre amor, maternidade e feminilidade sem filtragem crítica, resultando em ajustamentos disfuncionais. A cultura do cuidado, da responsabilidade afetiva e da romantização da autossacralização impõe uma lógica de silenciamento e alienação subjetiva. A Gestalt-terapia, ao enfatizar o “aqui-e-agora” e o awareness, oferece caminhos clínicos para a interrupção desses ciclos, por meio do fortalecimento da escuta interna e da responsabilização existencial. A atuação clínica, nesse sentido, exige escuta gendrada, sensível às intersecções entre gênero, classe, raça e normatividade. **Considerações Finais:** O sofrimento psíquico das mulheres não é apenas expressão de conflitos internos, mas produto de estruturas sociais opressoras. A clínica gestáltica comprometida com a equidade de gênero deve romper com perspectivas neutralizantes e patologizantes, promovendo espaços de escuta crítica e transformação. **Contribuições para a Saúde:** Este trabalho reforça a importância de uma prática psicológica feminista e socialmente comprometida, que reconheça os atravessamentos de gênero como dimensões estruturantes do sofrimento. A Gestalt-terapia, aplicada com esse olhar ampliado, contribui para a promoção de saúde mental, fortalecimento da autonomia e resgate dos desejos genuínos das mulheres, possibilitando experiências terapêuticas libertadoras e politicamente implicadas. **Palavras-chave:** Gestalt-Terapia, Gênero, Saúde Mental, Introjeção, Psicologia Clínica.